

## PRELÚDIO

Luis Gonzaga Vieira

Ele não gostava de ninguém. Quando pensava em amor pensava desse jeito: je n'aime personne, dizendo isso não por esnobismo mas porque a frase já era viciada nele e ele nunca tinha dito a ninguém, havia apenas pensado nela. Durante oito anos lubrificara a engrenagem que a mãe oferecera, a mãe fez o que era melhor mas ele fazia a lubrificação com raiva, como se aquilo fôsse levá-lo ao suicídio. Durante esses oito anos (entre 20 e 28 anos de idade) cometia os mesmos gestos e não se envergonhava deles porque havia muitos companheiros. Mas os próprios companheiros eram sintoma de uma doença qualquer, ele nunca morou em roça, nunca apascentou carneiros, apenas de vez em quando visitava cidades de interior, mas visitava com a preocupação de quem não quer esquecer a cidade adotiva que era a cidade de origem. Visitava os amigos de infância que eram grandes e que tinham filhos, os filhos engatinhavam na terra e não levantavam a cabeça, os pais achavam bonita a brincadeira das crianças e imitavam os meninos. Um deles nasceu morto e o amigo ficou triste por alguns dias, depois esqueceu.

Nestes longos oito anos ele se anulava para contentar a mãe, tanto que os amigos batiam a picareta no corpo para polir as arestas e fazê-lo semelhante aos outros, caso contrário ririam dele. Frequentemente a espuma subia no copo e molhava a mesa do bar, ele não entendia por quê mas continuava agindo do mesmo modo. Sempre teve a mania de piscar o olho esquerdo com mais força. É verdade que sofria da vista e precisava de muito esforço para enxergar as imagens que se postavam na frente. Esfregava a mão no rosto para tirar o suor ou para aliviar a cabeça ou mesmo, para desviar o pensamento. Ia falando alguma coisa e rabiscando a testa do companheiro no bar, com o tempo a dor de cabeça fugia do companheiro. Lá pelas três da madrugada os dois pagavam a conta e iam embora pra pensão, naquele tempo ainda havia bondes na província.

— Se você fôsse tão velho quanto eu, garanto que nos entenderíamos melhor. Aquela mocinha é muito bonita, concordo, mas ela tem menos de 20 anos.

— Em geral a idade não conta.

— Assim, superficialmente, não. Quando eu tinha 20 anos ainda havia bondes na cidade, não sei se você lembra. Essa menina já nasceu com avião a jato, ela tem uns 18 anos e sente-se velha. Eu tenho razão de sentir-me velho porque tenho costume de olhar pra longe.

— Isso é desculpa.

— Não, não é isso. Velho não quer dizer desiludido, quer dizer um sujeito que toma um copo d'água sem pestanejar e sem desejar outro copo d'água naquela hora.

Quando terminava de engraxar a máquina e se despedia dos chefes com aceno de cabeça, êle tirava o cartão de presença e batia o cartão no relógio. Às seis horas da tarde todos saíam pelo portão de ferro, conversavam aliavidos no portão e se dispersavam. De tal modo êle estava metido na engrenagem que saía quase correndo do serviço e ia direto pra casa, como se tivesse uma coisa muito urgente pra fazer. Corria pra casa, sentava-se na cama e ficava à toa, esperando o jantar. Não tinha nem mesmo o expediente de procurar um amigo que não tivesse as mãos sujas de graxa, e beber com êle duas ou três latas de formicida casco escuro e pedir um e outro tira-gôsto, enquanto se conversava sôbre qualquer coisa sem importância ou, pior ainda, sôbre assuntos próprios do serviço. Os casados falavam na mulher e nos filhos, e se reconheciam covardes. Não era bem isso, pois o casado pensa em si nos filhos e na mulher, e o solteiro não pensa, procura sempre alguma coisa para preencher o vazio. Se perguntassem como se fêz tal pessoa, êle não saberia dizer, a convivência estragava o resto ou então êle é que deturpava tudo. O vidrinho de ácido que carregava no bôlso era para espantar os mendigos, às vêzes bebia um traguinho de ácido e o hálito enrugava o rosto dos companheiros. Os companheiros ou não percebiam ou não tinham capacidade pra retrucar. Porque de tanto mexer com as máquinas e de tanto ouvir o alarido das máquinas, os companheiros ficavam inutilizados pra tudo o mais, insensíveis, só sabiam fazer coisas de cidadãos pacatos. Um dia mostrou um livro para o companheiro e o companheiro deu a maior das risadas, o companheiro passava os dedos grossos nas fôlhas e dizia: letras, letras, letras. Como se livro fôsse espantalho. De certa forma êles tinham razão, não entendiam o que aquilo queria dizer, porque afinal aquilo não funcionava com os dedos nem reagia. Máquina sim, máquina era dar um toque ou um murro e ela caminhava, mas livro não.

Durante oito anos êle saía pelo portão de ferro e corria pra casa como se tivesse uma coisa muito urgente pra fazer. Não se podia negar, o portão era limpo, os serventes viviam limpando o portão, e o

portão até brilhava. O portão aberto dava sensação de liberdade. Mas, com o tempo e com o hábito, até mesmo essa sensação de liberdade êle perdeu. E, talvez mais do que isso, êle perdeu a iniciativa de olhar a tarde por trás dos prédios e ver os prédios pegando fogo por causa do sol. Além de ter perdido a iniciativa, êle perdeu a oportunidade, porque às seis horas da tarde a cidade ficava praticamente escura. Em certas épocas do ano ainda conseguia pegar a tarde desprevenida, mas o problema era desviar-se dos carros e, ao mesmo tempo, olhar o céu. Precisava desviar-se não só dos carros que eram muitos mas, principalmente, dos homens que caminhavam tontos no passeio, e êle vivia esbarrando nos outros, tropeçando nas crianças, aborrecendo as mulheres bem vestidas e bem penteadas.

— Cê tá quendo morrer, meu filho?

— Não não. Eu estou só olhndo.

— Olhando o quê?!

O homem fêz um gesto brusco com a mão, mordeu a língua e o peneu chiou no asfalto. O guarda veio e cobrou a multa.

— Toma. Cê paga lá no departamento. Some!

Êle riu um risinho meio sem graça, riso assim meio de displicência e, mais do que isso, de coisa menor que melancolia mas com o mesmo gôsto de melancolia.

— Que coisa! multado por causa de olhar a tarde.

— Não é isso não. Você não foi multado por causa de olhar a tarde, entenda. É que você não vive sôzinho e se você não prestar atenção nos outros êles te passam por cima.

Fixamente e com os olhos arregalados olhou para o macaco que estava na jaula e depois arregalou os olhos para o amigo, mas o amigo não entendeu. Êle tinha aprendido essa piada num livro, gostava muito de livro, livro também embriagava. Olhava as pessoas como se elas estivessem envolvidas numa nebulosa que não tapasse inteiramente a imagem, e êle também sentia-se envolvido por qualquer coisa parecida com nebulosa. Relação semelhante a sonho, porque nos sonhos êle raciocinava melhor ou supunha raciocinar melhor, pelo menos era bem melhor raciocinar em sonho, resolver problemas, refutar argumentos etc. Se entrasse na livraria para comprar um copo d'água ou uma laranja mas sem ter dinheiro, ficava cobiçando a água ou a laranja e torcendo pra que elas não saíssem ali da prateleira. Quando arranjava dinheiro, já não sentia gôsto nenhum em comprar, e sofria com isso.

Oito anos demoravam bastante. Mas, agora, vendo êsses oito anos, pensava em brinquedo de criança, uma criança que brincasse de jogar fogo nos outros e risse do espanto provocado. Êle não podia reclamar da mãe, porque mãe era uma coisa que fazia tudo do melhor modo mesmo que êsse modo fôsse o pior, porque a mãe não pode fazer o que o filho

pensa e o filho não pode fazer a mãe pensar diferente, então dá-se um atrito. Cada um vai para um lado e, mesmo assim, se entendem. Ele via a mãe desse jeito, e não podia culpar a mãe, a mãe também foi um acidente, abria a mala e mostrava para o filho espantado: olha, foi isso que eles me deram e foi a melhor coisa da minha vida. Ele olhava para mãe com piedade e tristeza, porque havia tão pouca coisa e a mãe achava muito. Discutia com a mãe, às vezes ficava bravo, com raiva, depois ele se escondia no quarto e os parentes até chamavam o quarto dele de toca. Todos faziam o que todos deviam fazer, não reclamavam nem entendiam direito o que se passava. Ele saía feito doido, esperava a noite chegar, e os olhos se acalmavam com a noite. Havia ruas escuras e bairros com gatos e cachorros, ele podia passar por ali, andar na sombra, andar muito até ficar cansado. Então chegava em casa e jogava o corpo na cama. Gostaria que não houvesse fim, mas que a noite também não passasse, de forma que todos os problemas se resolvessem, precisamente porque não havia tempo para passar. Que o tempo de dormir fôsse tempo de eternidade. O descanso dele era aversão aos dias passados. Até o modo de dormir era de quem quisesse apagar o tempo no travesseiro: encolhido como se estivesse com frio, os braços apertando o travesseiro contra a cabeça e, de vez em quando, a respiração que vinha de repente lá de dentro e era cuspidada pelo nariz, como um jato de sangue. Estava em paz com a mãe e com os irmãos e com os amigos e, até mesmo, com a cidade. Paz significava a distância necessária entre as pessoas. Como não tinha nada contra a mãe e apenas discordava dela em pensamentos, pegou aqueles oito anos de serviço e jogou pro primeiro cachorro, de qualquer modo era um ato de caridade que selava a libertação.

Foi então que se viu livre, ou por outra, sentiu a sensação de liberdade e de alívio. Agora podia olhar a tarde e não ser multado, as moças estavam muito mais bonitas e a própria falta de dinheiro aguçava a revolta dentro dele. Uma revolta lírica, sem dúvida, porque ele tinha receio de ofender a mãe. Era estudante, todos eram estudantes, todos revoltados como ele, embora a revolta dele partisse do ateísmo. Havia sempre a repetição, mas agora ele não sente desse modo, pelo contrário, vê ruas de verdade, asfalto de verdade, homens mulheres e crianças de verdade. Reconhece que tudo melhorou mas que surgiu uma novidade englobando todas as demais: a nebulosa. A nebulosa era uma coisa estranha, pelo menos ele sentia desse jeito. Reconheceu a nebulosa quando notou que só ele era ateu e que todos tinham sentimentos religiosos e que, se os religiosos não o tratavam mal, no entanto tratavam com piedade e condescendência. Não ficava nada cômodo ser uma pessoa única no meio de tudo o mais, e por isso ele não reclamava das pessoas que riam, elas forçosamente teriam que rir, era o argumento mais forte nêles. A nebulosa era a mesma relação entre ele e a mãe ou, melhor

ainda, entre o foguete espacial e o astronauta que adquire uma mobilidade não só aparente como transitória. É quando um homem sobe a escada até perder o fôlego e depois, com o restinho de voz se dirige a um público que não está na praça. A teimosia dele era teimosia de nebulosa, porque ele olhava de todos os lados, furiosamente, como se fôsse possível encontrar seres humanos na rua ou parados na esquina. Ele ainda ignorava, por comodismo ou por medo, que a irradiação atômica não revela apenas um fato científico mas também um gesto corriqueiro como mandar roupa pra lavanderia. Ele chamava de medo aquela falta de percepção. Só mesmo quando espetava o dedo nas feridas que a bomba fizera, só então os outros desconfiavam. Mas desconfiavam de alguém e não dele. Ele não era do tipo vulnerável, porque o corpo nasceu uma chaga só, e não havia nem lugar para os outros espetarem o dedo, como ele espetara o dedo nos outros. Ele não se sentia mais chagado que os outros, mas é que ele era só, por isso sentia mais dores. Apesar disso, achava os companheiros bem bonitos, principalmente as mulheres, as mulheres eram lindas por causa da fome e da subnutrição, a cidade sendo o lugar onde havia mulheres mais lindas. A nebulosa era um sentimento macabro, pois não se compreende como, numa situação dessas, ainda se possa achar beleza nas coisas. Mesmo assim, os homens deformados rezavam ou pediam misericórdia, e tudo era normal, nada espantava ninguém. Essa falta de espanto inquietava qualquer um. Falavam em sinal dos tempos e ele olhava a estratosfera pelo binóculo que ganhou de presente. Houve uma ruptura, uma cisão brusca entre aqueles oito anos e a vida de agora. Via as coisas desse jeito, mas os companheiros trabalhavam como se não houvesse acontecido absolutamente nada. Nem ele podia garantir alguma coisa porque, afinal, a nebulosa dava coceira nos olhos e enganava a paisagem. Só mesmo às seis horas é que ele se reconhecia olhando tarde e prédios, o cheiro da multidão colando no corpo como suor, mas ele não podia garantir ninguém. Os outros achavam apenas engraçado, mas não era assim, em absoluto. Uma pessoa que estende o braço para cumprimentar outra pessoa e só então se lembra de que é aleijado: não vejo que graça possa haver numa coisa dessa. Pois eles riam e não era possível condenar ninguém por causa disso, o riso era espécie de recurso. Na mudança das estações ele sempre se resfriava, por causa da mudança. Oito anos eram um longo tempo, tão longo que não se percebia, então dava-se o choque e o sujeito podia morrer até mesmo numa cadeira elétrica. Carregava o mapa-mundi no bolso da calça, levava o mundo em qualquer lugar que fôsse. Nas horas de refeição falava do mapa, o tempo todo falando do mapa. Um dos maiores motivos por que gostava de sair de noite era que dava um grito e o eco respondia.

— É indiferente que você faça essa criança dormir. Por mais que você embale esse punhado de pano, jamais você conseguirá fazer dele um filho seu.

— Mas eu não estou pensando em filho.

— Não em filho propriamente, mas em pai, o que dá no mesmo.

Apontava um lado e as pessoas olhavam do lado oposto. Chegava em casa e contava pra mãe que eles entenderam completamente errado, mas a mãe defendeu os companheiros e ele fechou-se no quarto. O melhor não era ler os livros, era olhar pra eles, saber que eles seriam lidos, saber que bastava levantar o braço e apanhar o livro que quisesse, e ler as páginas em branco. A coisa mais clara existia no quarto d'ele, o mundo lá fora gemendo barulho desconexo dentro do quarto. Ele não podia confundir-se no quarto, não podia confundir-se com coisa alguma, mas percebia o quarto se entregando. Como quem diz: eu vivo a minha vida e você vive a sua. No entanto havia compreensão até mesmo nos tacos encerados e na radiola estragada, e também na poeira envelhecendo os livros. Os amigos entravam no quarto, sentavam na cadeira de balanço que estava furada e, como cientistas, procuravam conciliar o assunto, tentando ligar um fio no outro, o que demorava anos e anos e nunca podia satisfazer nenhuma das partes. Nem mesmo se sabia qual dos dois era o réu, não havia julgamento. O mundo era um fato cometido, ele e os amigos ilustravam o pecado original dentro do quarto, dava pena. O esforço não resolvia a questão, aumentava a distância. Ele já vira em filmes que o homem faz força pra sair do pântano e que a própria força empregada faz o homem afundar cada vez mais. O esforço é a inutilidade, a vida é o modo de cada um morrer. O quarto estava cheio dessas coisas e esperava-se que os morcegos empestassem tudo. Mas não. Um quarto comum: cama, mesinha de escrever, estantes e livros, guarda-roupa, radiola, cadeira. Na porta do guarda-roupa o retrato de dois meninos se beijando, e na parede o padre barbudo olhando com ternura pra môça nua. A própria persiana, que isolava o quarto do mundo, dava idéia de frio. Muito raramente apareciam pernilongos. Havia uma aranha preguiçosa, sem veneno, que servia para pôr medo nos sobrinhos. Só mesmo a familiaridade é que fazia ver os bichinhos minúsculos, d'esses que grudam no corpo enquanto se dorme e que depois se acostumam com o sangue. Ele olhava o quarto cheio de luz e na parede nascia uma ameiba, depois um monstro, depois um homem e finalmente, um cogumelo côr de rosa. Em cima da estante havia a escultura de um homem nu, pensando.

— Você quer que um sapo não peça esmola na esquina, porque a baba do sapo causa nojo. Isso é mal, muito mal. O que interessa não é a paisagem que fica distorcida, pois sapo é uma coisa que não convém. Quando eu estudava no claustro, eles faziam até inquisição de sapos, esgoelavam os sapos, chutavam os sapos. Você já viu matar gato? É mais ou menos dêsse jeito, com a diferença de que o gato resiste muito mais, é muito mais escorregadio. Eles corriam atrás do gato, cercavam o gato, e jogavam tijolos em cima do coitado. O gato miava de dor e

corria feito um doido, e a turma castigando o gato como fariseu que apedrejasse adúltera. Exausto de tanto correr e sem esperança alguma, o gato perdia o fôlego e recebia a tijolada de misericórdia, o sangue saindo da bôca e o corpo todo amassado. Depois o padre dava um prêmio qualquer. O crime do gato foi ter importunado a turma na hora de dormir. Não estou defendendo gatos, mas não deixa de ser meio sádico aquêle barulho todo por causa da criatura que não tem raciocínio para se defender ou para atacar. E o claustro cheirava incenso, farinha de trigo e vinho.

Passados aquêles oito anos, êle olhava para o quarto como um condenado que recebe comutação da pena. O barulho que vinha da rua era um barulho distante e amargo, dia de festa em que as pessoas se afastavam da cidade para descansar do trabalho. A buzina dos carros vinha atenuada por causa da distância, as vozes se propagavam como chuvinha miúda que enerva. Ainda por cima estava no mês de agosto e, na falta de calor, veio um frio repentino e mais forte. Os meninos que vendiam jornal apalpavam a barriga dêle, aquela voz aguda que fazia nascer uma coisa bem lá dentro. Parecia igreja na parte da tarde, aquêle silêncio, aquêle frio que vinha mais de silêncio que da temperatura, e tôda essa coisa misturada, um corredor de claustro, as colunas do corredor, o pátio vazio com algumas árvores, e um grito que vinha perturbar a calma transparente. O cinema pegava a câmara e fixava a tomada em grande plano, mas o livro continha pelo menos mais de 100 páginas bem distribuídas. O céu nublado e sêco, reflexo de sol em algumas nuvens mais salientes, e os prédios como que estáticos, como se a finalidade do prédio fôsse andar, embora o prédio estivesse parado como coisa muito antiga e escura. Apesar dos barulhos e apesar dos homens que se cruzavam no passeio, estava tudo padecendo paralisia mas vivendo como se não houvesse sofrimento coletivo. Aquela hora da tarde era uma hora única, no entanto êle perdia tôdas as outras horas em outras partes do mundo, era como se êle estivesse sendo ludibriado mas reconhecendo que era improvável possuir tôdas as tardes do mundo, nem seria desejável que tal acontecesse. Em certos lugares havia homens com bombas e satélites, e cobaias quase inocentes serviam de pretexto para a matança, olhinhos oblíquos escondendo o corpo no mato ou furando túneis muito bem cavados. A felicidade dos macacos era pretexto, o livro explicava os pormenores e êle acreditava no livro. Tanto acreditou no livro e nas palavras do livro que olhava as pessoas como prédio fixo mas instável. Não havia a imagem e a reação que a imagem provocava nêle, havia primeiramente os olhos dêle conformando a imagem dos outros e do mundo, como se pelo fato de ter olhos imensos êle aumentasse gradativamente as coisas a tal ponto que não se percebia mais o tamanho da escuridão, a não ser que se riscasse um fósforo. O olho não concordava com o corpo, porque o olho era mais brilhante, daí êles dizerem dos olhos como

janela da alma. É que os olhos sempre brilhavam mais, o corpo eram os olhos. E os olhos, nêle, eram mais brilhantes que os olhos dos outros. Não havia qualquer pretensão nessa idéia um tanto poética, da mesma forma como não há pretensão alguma em se dizer que olhos do marinho são quase fechados por causa do horizonte que eles carregam. O pensamento, que é coisa abstrata, feria os olhos, desenhavam os olhos. Não se queria imediatamente tal ou tal coisa, mas ele agia em direção de tal ou tal coisa, por isso os olhos brilhavam. Várias vezes já queimara a mão quando esfregava o rosto para esconder o chôro, um chôro que o rosto não queria reprimir de modo algum.

Agora já sabia que os oito anos haviam passado e podia repetir com menos amargura: nunca mais terei 30 anos. Era um alívio sentir o tempo passado mas, ao mesmo tempo, doía a instabilidade com que se equilibrava no trapézio. Porque, em toda a vida, nunca trabalhou em circo e poucas vezes foi a circo, e não sabia como os artistas faziam para cometer malabarismos daquela espécie. Não que invejasse homens de circo, apenas queria ter aquela serenidade, mesmo aparente. Não tencionava conter-se, desejava somente encontrar-se, como quem se alimenta por ser esse o único modo de continuar vivo. A instabilidade do trapezista dava arrepios, mas o trapezista nem ligava pra isso, não lhe ocorria fazer de outra forma. Só que o trapezista não fazia malabarismos para arrancar aplausos do público, o público é que sempre se inquietava diante de gestos estranhos, quer dizer, qualquer gesto fora da linha normal afeta o público. E, mais ainda, o público sente-se meio ofendido porque o trapezista obriga olhar a vida sob outro ângulo e seria bem incômodo que todos tivessem de adotar o ângulo do trapezista. Por isso o público, ao mesmo tempo que aplaude, se arrepia todo. O equilíbrio ficava principalmente nos olhos, na cabeça e na região do peito. A mãe não falava muita coisa, mas ele sabia o que a mãe estava pensando, a mãe queria que ele sáisse do trapézio e andasse em terra firme como os outros, desejava isso, queria que ele se encontrasse com Stela e se casasse e tivesse alguns filhos e fôsse feliz, que ele fôsse um homem apenas ocidental e que comentasse as coisas sem maiores sofrimentos.

— Você pensou que fôsse fácil arrumar, não é isso? Já passaram seis meses e até hoje você não arrumou nada.

Ele então começou a falar de pessoas, de projetos, disse que havia muita coisa pra frente e que, guardando as proporções, a liberdade valia a pena, mesmo que fôsse para reconhecer a inutilidade dela. Ele pensava de um modo e falava pra mãe de outro, a mãe escutava novelas e periodicamente ficava doente e podia morrer a qualquer hora por causa da idade avançada. Ele não queria acusar a mãe, porque a mãe nascera num dia em que houve claridade de lua cheia, num dia desses, era bonito ver a lua cheia engordar e alumiar a terra mas, por outro lado, não se sabia absolutamente o que viria depois nem se pensava nisso. A

mãe fôra empurrada sem querer, e as costelas da mãe doíam por causa do desastre. Ele, sendo filho, nasceu também com dores na costela, embora a mãe jamais pudesse conceber que as dores do filho fôsem dores herdadas. Mas, passados, os oito anos, êle canalizou as dores para outro lugar e coloriu a dor de modo diferente, o que a mãe também não compreendia nem jamais podia compreender. Ele não acreditava em culpa, mas não pedia a benção da mãe, porque não gostava que a mãe repetisse «Deus te abençoe». O máximo era acariciar o rosto da mãe, como quem faz a ternura mais triste do mundo: nem mesmo essa ternura a mãe podia compreender, era ternura de gente cansada, cansaço que veio se acumulando se acumulando até parar diante dêle. Então êle viu tudo aquilo, pensou o que poderia fazer de tanto barulho ao redor do corpo e tomou a iniciativa primária: caminhar. Começou andando por um asfalto todo quebrado porque o prefeito da cidade não cuidava dos buracos. Depois cortaram as árvores e êle sentiu outra sensação de alívio, e continuou caminhando. Com muito custo aprendeu desviar-se das pessoas e dos carros e, ao mesmo tempo, resolver qualquer problema que aparecesse na esquina ou fabricar uma solução provisória. O que havia de mais forte dentro dêle eram justamente as coisas provisórias que êle fabricava, resolver uma coisa agora e preparar-se para outra coisa depois. Não contava os dias pelas horas do relógio mas pela idade do universo, por isso tinha os dedos tão longos e a testa larga. Depois acostumou-se com tudo, ou por outra, foi obrigado a sentir-se humano e partilhar a vida dos semelhantes. A salvação dêle estava nas mulheres que passeavam e que eram realmente muito lindas, a beleza das mulheres sendo de tal modo estonteante que êle ficava desorientado. O convívio com elas não diminuía o espanto, pelo contrário, aumentava o espanto de acôrdo com a idade. As vêzes ficava sem saber se o que existia era a beleza das môças ou a necessidade que êle sentia da beleza delas, não sabia se era beleza de verdade ou beleza fabricada. De qualquer modo, sentia-se bem com a cidade e com as môças na cidade, criou o hábito estranho de morar num lugar sem nunca sair dali, não havia tempo suficiente para olhar e sentir tudo o que existia. Os amigos chamavam poeta, outros falavam intelectual por causa dos livros na estante, alguns diziam existencialista por causa da barba crescida. Era agradável sentir que se tinha um corpo apontado, da mesma forma como um espinho fere o dedo e chupa-se o sangue na falta do lenço.

— Mônica veio dizer que a Stela mandou um abraço bem apertado pra você.

Certos amigos falavam que êle era misógino ou diziam que os carecas são inteligentes, os insultos eram sempre muito simpáticos. Stela era amiga de Mônica e Mônica prometeu arrumar um marido pra Stela, e Mônica pensava nêle como provável marido de Stela. Ele pensava em mulher e não pensava em espôsa, e não pensava em depravações a não

ser em sonhos, mas que não o provocassem porque então ele não saberia que ônibus tomar, ele não conhecia o bairro, não tinha dinheiro para pegar um taxi e, principalmente, tinha vergonha de não ter dinheiro. Isso foi nos primeiros tempos, mas agora a situação havia melhorado porque ele chegara num ponto quase limite, exercitava-se na pobreza como aqueles monges que maceravam a carne à procura de um Deus sempre desconhecido e, por isso mesmo, apetecível. Se vivia num mundo de idéias, o que não era correto dizer, vivia igualmente num mundo bastante concreto e estúpido, o que é mais correto. Não que ele estivesse interessado em correção de frases, mas ele estudou muito tempo no claustro e no claustro eles ensinavam filosofia, correção de frases e bons costumes. Foi lá que ele aprendeu não se importar com frases corretas que não levam à parte alguma, não se importar com filosofia de rendinhas de paramentos e de ostensórios brilhantes ou de turbulos cheirosos, nem com bons costumes que geram dúvida na vida particular de qualquer monge. Pensava nas revistas, no cinema, nos homens importantes, embora ele fôsse tido como intelectual só porque colecionava papéis acetinados e vendia máquinas de escrever. Pensava também nos músicos e na música desesperada que eles compunham, sonhava ser um deles como quem sonha com a morte de algum parente, era uma coisa meio lírica e cômica. Como se alguém não acreditasse que existe e você desse nele um chute pra que ele acreditasse: mais eu menos desse modo. As histórias que falavam de artistas passando fome e passando necessidades eram histórias boas para serem ouvidas mas que não resolviam a fome e a necessidade. Ele nunca passou fome mas começava sentir necessidades, começava sentir necessidades, mas não tinha coragem de cortar o barbante que feria os pulsos, porque os outros eram ainda muito presentes e ele gostava imensamente de si mesmo e tinha uma vaidade bem gorda que pedia alimentos de minuto em minuto. Aquela tristeza antiga havia desaparecido quase por completo, a pior angústia topava com os livros na estante, e então era como se ele visse guerrilheiros morrendo de liberdade mas ele aqui e os guerrilheiros lá longe, os guerrilheiros vinham em forma de notícia nos jornais e viravam assunto de conversa ou pretexto para um gesto mais violento. Ele estava comprometido com tudo, mas não participava de quase nada, ele queria um gesto imenso mas sofria de ananismo. As tentações se acumulavam nos olhos surpreendidos e ele esperava que alguma coisa acontecesse para só então resolver essa coisa. Resolver sendo questão de tempo, o fato de o tempo passar era a solução de tudo. Não mais pensava nos dias seguintes, porque os dias seguintes eram apenas suposição, e o outro dia era sômente a certeza que ele tinha dele mesmo e de hoje. Houve uma inversão, até certo ponto benéfica. Antigamente ele sofria as coisas, agora a falta de solução era sintoma de coisa resolvida.

Com boa dose de estoicismo êle pensou na semente que, em 1930, a mãe dêle enterrara no quintal da casa. Apesar do mato e das ervas, a semente conseguiu nascer ao lado das árvores. No quintal havia jambo, mexerica, manga-espada, pêra e um tanque de lavar roupa e de brincar. Depois que foi para o claustro, o quintal e a casa foram perdendo o interesse, mas os olhos nunca se acostumaram com o casarão, um casarão que era velho e frio por causa do silêncio, a religião é sempre uma coisa silenciosa e cheia de mistérios, e êle não gostava de mistérios. A vida dêle se fêz de casarão, mas o temperamento era bem outro. Esse temperamento só conseguiu manifestar-se durante aquêles oito anos, depois então nasceu uma tarde que tinha o mesmo significado da noite mas que era uma coisa mais humana, êle sugando a vida e sentindo o vento bater no rosto. A idade procurava equilibrar o entusiasmo de jovem e a velhice própria da terra, e principalmente a juventude de tudo o que existia, que era uma juventude provocada pela velhice ou, melhor ainda, por essa tendência em medir as coisas e em querer comparar o homem com êsse tempo que não era nem tempo nem espaço mas apenas, o espanto do homem em sentir-se tão diminuído. O problema era olhar as coisas, sentir as coisas, viver as coisas, êle sendo um homem postado ali na esquina por tempo indeterminado, e o mundo inteiro jovem demais para acreditar na própria velhice. E êle, afinal, era tão feliz quanto se possa agüentar uma palavra dessas, agüentar sem sentir calafrio e sem desejar mais nada a não ser, paradoxalmente, o gradativo aumento de desejos e o equilibrio na corda bamba ou no trapézio.